

Contribuições marxistas às Relações Internacionais

Marxist contributions to International Relations

Gustavo Rocha Botão^a 

Os debates acerca das Relações Internacionais têm sido dominados por referenciais teóricos realistas e liberais desde o nascimento de seu campo de estudos na primeira metade do século XX, representando duas interpretações das classes dominantes sobre esse campo de estudos. O marxismo, apesar da pouca atenção dada por Karl Marx ao estudo das Relações Internacionais, apresenta, a partir da obra de Lênin, um ferramental teórico para explicar o sistema internacional por meio de sua teoria do imperialismo. A partir do último quartel do século se popularizam outras correntes de pensamento, que, embora apresentem novas abordagens teóricas, ainda persistem, assim como o realismo e o liberalismo, na desconsideração do papel das classes sociais e da análise crítica do sistema capitalista na dinâmica das Relações Internacionais, temas amplamente analisados e discutidos por autores marxistas.

É na apresentação das chaves explicativas fornecidas pelo marxismo para o estudo das Relações Internacionais que o livro “Teoria das relações internacionais: contribuições marxistas” (Prestes, Pautasso, 2021), organizado pelos cientistas políticos e pesquisadores marxistas Ana Prestes e Diego Pautasso, se concentra. O livro busca explorar variadas dimensões do marxismo e suas aplicações para o estudo das Relações Internacionais, sintetizando as contribuições marxistas mais recentes nessa disciplina, de modo a tratar de uma ampla gama de temas de grande importância para esse campo de estudos. Nesse sentido, os artigos contidos na obra versam desde de discussões teóricas de autores fundamentais para o estudo do marxismo, como o próprio Marx e também Lênin e Gramsci, até a análise de fenômenos como o subimperialismo, a integração latino-americana e a ascensão chinesa. Além do prefácio, escrito pelo cientista político Luís Fernandes, e da orelha, escrita pelo professor Paulo Fagundes Visentini, a obra é dividida em doze capítulos.

O primeiro capítulo do livro, também escrito por Luís Fernandes, discute o desinteresse da academia pelo marxismo no estudo das Relações Internacionais e as origens do pensamento marxista, pouco compatível com as explicações

a Universidade Federal do ABC. Email: gustavo.botao@ufabc.edu.br

ontológicas oferecidas por escolas de pensamento mais tradicionais. Em seguida, apresenta as chaves analíticas fornecidas pelo pensamento marxiano para a compreensão das Relações Internacionais, como a expansão do sistema capitalista a partir do continente europeu e a globalização, criticando a separação cultivada na academia entre a *política* e a *economia*, propondo a teoria marxista para o estudo de fenômenos contemporâneos, de modo a evitar entender as Relações Internacionais como a mera interação entre Estados homogêneos na defesa de seus interesses nacionais.

No segundo capítulo do livro, Gianni Fresu discute o impacto da obra *A Ideologia Alemã* (Marx, Engels, 2007) no pensamento de Marx e no estudo das Relações Internacionais, apresentando inicialmente os desdobramentos teóricos na obra de Marx que resultaram no conceito de materialismo histórico dialético. Em seguida argumenta que o materialismo histórico afasta os marxistas de uma visão idealista da história, afastando de si a explicação da “práxis a partir da ideia” (Prestes, Pautasso, 2021, p. 34) e compreendendo que cada Estado é resultado de suas forças sociais e produtivas. Nesse sentido, os Estados capitalistas do século XIX e XX empreenderam a colonização do resto do mundo, submetendo a essas sociedades não apenas o capitalismo, mas sua ideologia, atomizando os indivíduos e reificando as atividades sociais, objetivando a expansão de seus mercados.

No terceiro capítulo, Rita Coitinho procura mostrar a importância da obra de Lênin para a compreensão das relações entre centro e periferia do capitalismo e das disputas pela hegemonia. A autora realiza um levantamento bibliográfico acerca das interpretações do declínio hegemônico estadunidense e da ascensão de uma multipolaridade, finalizando com um chamado à análise dos vínculos entre o imperialismo estadunidense e os Estados nacionais para a compreensão dos processos políticos internacionais.

Diego Pautasso, no quarto capítulo do livro, analisa o imperialismo sob uma abordagem a partir do historiador italiano Domenico Losurdo, debatendo a genealogia do termo por meio de um levantamento bibliográfico e apresentando os conceitos de *liberalismo-imperialismo*, *linguagem do império* e *poder de fogo multimidiático* elaborados pelo italiano (Losurdo, 2006, 2010). Pautasso termina o capítulo argumentando que, apesar do triunfalismo do *Fim da História* (Fukuyama, 2015) e do ocaso do socialismo real, faz-se necessário retomar os estudos acerca do imperialismo, tendo Losurdo elaborado chaves explicativas importantes para a compreensão deste fenômeno.

Marcelo Fernandes retoma o debate acerca do imperialismo no século XXI e rebate as acusações de imperialismo feitas contra a China no quinto capítulo. O

autor critica o pouco rigor no uso do conceito de imperialismo em análises sobre a China e reflete sobre o desenvolvimento das forças produtivas no Estado chinês, rejeitando a visão de que a China seria um Estado imperialista e defendendo seu caráter socialista.

No sexto capítulo, Ana Prestes discute a evolução do conceito de hegemonia, de Antonio Gramsci a Giovanni Arrighi, recordando inicialmente a importância da obra de Lênin para a elaboração do conceito gramsciano de hegemonia e mostrando a aplicação deste conceito no plano internacional a partir da obra de Arrighi, especialmente em relação aos ciclos de acumulação, debatendo como os Estados Unidos alcançaram o patamar de *hegemon* global e a possível perda desse posto para a China.

As organizações internacionais são analisadas sob a ótica coxiana por Jaime Coelho e Miguel de Sá, que iniciam o sétimo capítulo examinando este tema pouco conhecido na obra de Robert Cox. Os autores argumentam que as forças sociais contra-hegemônicas não devem negligenciar a atuação em instituições internacionais, não devendo essas organizações serem tratadas como fenômenos secundários, mas sim como “arenas de luta imprescindíveis” (Prestes, Pautasso, 2021, p. 182), nas quais é possível lutar *guerras de posição*. Nesse sentido, os autores concluem com um apelo pela recuperação da obra de Cox em razão do pioneirismo de suas críticas à literatura dominante nas Relações Internacionais e de sua visão acerca do estudo das organizações internacionais.

Américo Alves discorre sobre José Carlos Mariátegui e a interpretação marxista da questão indígena (Mariátegui, 2008) no oitavo capítulo, mostrando como o autor peruano entende a posição do indígena na política, economia e história peruanas, relacionando questões etnicorraciais com a luta de classes e a divisão internacional do trabalho. Nesse sentido, o capítulo elenca elementos da história peruana analisados por Mariátegui, demonstrando o caráter colonial e periférico da formação econômica do Peru e como o desprezo pelo indígena na sociedade peruana é resultado da materialização de sua luta de classes.

Tiago Nogara realiza, no nono capítulo, uma crítica marxista às teses dependentistas, lembrando o histórico das teorias da dependência no Brasil, apresentando o conceito de subimperialismo de Ruy Mauro Marini (Marini, 1965, 1971, 1974) e rebatendo as aplicações deste conceito na análise tanto dos governos militares quanto dos governos petistas (Luce, 2013). Nogara aponta discrepâncias entre o método de aplicação da teoria à realidade, especialmente em se tratando da classificação, que entende como equivocada, da política externa da primeira Era Lula (2003-2010) como subimperialista.

As classes sociais e sua relação com a política externa e a integração regional são analisadas por Mariana Davi e Tatiana Berringer no décimo capítulo do livro. As autoras recorrem à Teoria Marxista do Estado de Nicos Poulantzas para analisar as relações entre as *frações da burguesia* e o *Estado capitalista* (Poulantzas, 1976, 1977, 1978), de modo a compreender o papel do bloco no poder na formulação da política externa e seus efeitos nos processos de integração regional. As autoras defendem que a dinâmica dos blocos no poder tornam os processos de integração mutáveis e conjunturais, podendo se subordinar passivamente ou entrar em conflito com o imperialismo a depender do contexto.

Leonardo Ramos, Marina Scotelaro e Rodrigo Teixeira elencam, no décimo primeiro capítulo, elementos da obra de David Harvey que dialogam com as Relações Internacionais e podem contribuir com seu estudo, como a *geografia da acumulação capitalista* e a *acumulação por despossessão* (Harvey, 2003, 2013), examinando também o imperialismo em sua fase neoliberal. Os autores, então, realizam um diálogo entre o trabalho de Harvey com outras correntes do marxismo, notadamente a gramsciana em seus estudos acerca da hegemonia no âmbito mundial.

O último capítulo encerra o livro com Elias Jabbour, Alexis Dantas, Carlos Espíndola e Júlio Vellozo trazendo os novos aportes teóricos à Nova Economia do Projeto e buscando superar a dicotomia entre ortodoxos e heterodoxos em se tratando de análises sobre a economia chinesa. Nesse sentido, os autores resgatam o conceito de *Economia do Projeto* de Ignácio Rangel (Rangel, 2005) e o aplicam no exame da realidade chinesa, posicionando essa *Nova Economia do Projeto* no “campo de pensamento e da prática marxista” (Prestes, Pautasso, 2021, p. 317).

Em suma, a obra é digna de reconhecimento dado seu interesse em trazer variadas análises teóricas e empíricas marxistas no campo de estudo das Relações Internacionais, por vezes um campo carente em abordagens críticas e que sobrevaloriza a literatura mainstream. Essas análises munem o leitor com o estado da arte no que diz respeito aos estudos marxistas das Relações Internacionais, oferecendo-lhe diversas interpretações acerca de fenômenos como imperialismo, dependência, hegemonia, entre outros. Desse modo, além de contribuir com o enriquecimento crítico do campo de estudos e do leitor, a amplitude dos estudos apresentados na obra a torna plural em sua especificidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUKUYAMA, Francis (2015). *O Fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco.

- HARVEY, David (2013). *Para entender o Capital*. São Paulo: Boitempo.
- HARVEY, David (2003). *The New Imperialism*. New York: The Oxford University Press.
- LOSURDO, Domenico. (2010). *Linguagem do Império*. São Paulo: Contraponto.
- LOSURDO, Domenico. (2006). *Contra-história do liberalismo*. Aparecida (SP): Ideias & Letras.
- LUCE, Mathias (2013). O subimperialismo, etapa superior do capitalismo dependente. *Crítica Marxista*, Campinas (SP), n.36, p.129-141. <http://hdl.handle.net/10183/151487>
- MARIÁTEGUI, José Carlos (2008). “Sete ensaios de interpretação da realidade peruana”. In: *Coleção Pensamento Social Latino-Americano*. São Paulo: Expressão Popular/Clasco.
- MARINI, Rui Mauro (1965). *Eje militar Brasil-Argentina y subimperialismo*. Santiago de Chile: Arauco 71.
- MARINI, Rui Mauro (1971). *El subimperialismo brasileño*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO).
- MARINI, Rui Mauro (1974). *Subdesarrollo y revolución*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (2007). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo.
- PRESTES, Ana; PAUTASSO, Diego (2021). *Teoria das relações internacionais: contribuições marxistas*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- POULANTZAS, Nicos (1977). *Poder político e classes sociais*. São Paulo: Martins Fontes.
- POULANTZAS, Nicos (1976). *Crise das ditaduras - Portugal, Grécia, Espanha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- POULANTZAS, Nicos (1978). *Classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RANGEL, Ignácio (2005). *Obras reunidas*. Rio de Janeiro: Contraponto.